

## A URGÊNCIA DO DEBATE SOBRE O SUICÍDIO DAS PESSOAS LGBTQIA+: *experiência e subjetividade*

Thiago Nagafuchi<sup>1</sup>

**Resumo:** Apresento, neste artigo, dados obtidos por meio de uma pesquisa on-line para fazer uma reflexão sobre o suicídio de pessoas LGBTQIA+. Os números mostram que as pessoas LGBTQIA+ não somente pensam ou pensaram mais em tirar a própria vida, como tiveram uma representação maior de uma ou mais tentativas de suicídio. Por meio dos conceitos de sofrimento social, subjetividade e antropologia do devir, procuro mostrar como os discursos de suicídio estão marcados por uma negação da experiência e por agenciadores biopolíticos que determinam quais vidas podem ser continuadas e quais devem ser eliminadas.

**Palavras-chave:** suicídio, gênero, sexualidade, sofrimento social, subjetividade.

### Introdução

“Hoje estou partindo sem volta, eu simplesmente cansei de tudo, cansei de tentar”. Com estas palavras, Rebeca iniciava sua mensagem de despedida em uma postagem aberta na rede social Facebook, em setembro de 2013. “Me encontrava exausta e já não conseguia mais fingir sorrisos e que tudo estava bem; não estava bem”. Ela continua: “Eu fui tomada e invadida por mágoas, decepções, desilusões, angústias, tristeza; e o pior: eu amei demais, quis demais e acabei sofrendo demais”. Rebeca ainda pede para não ser julgada, pois poucos ofereceram ajuda, diz que sua viagem acabou pois não acredita em outra vida, no paraíso ou no inferno: “o INFERNO é aqui. Este mundo, o cruel inferno, dominado e regido pelo egoísmo, guerra, falta de amor, injustiça e violência”. Rebeca era uma mulher trans. Ela continua a despedida pedindo “desculpas por ter sido uma pessoa ruim, péssima

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. E-mail: thiagonagafuchi@gmail.com

filha, horrível professora e o pior ser humano; não pedi para nascer nem muito menos ser considerada um monstro como se eu tivesse algo contagioso”. Junto da postagem, uma foto com uma pistola e seis munições. Seu corpo foi encontrado duas horas depois da publicação.

Como a postagem era aberta, qualquer pessoa com perfil na rede social podia acessá-la. A notícia de seu suicídio se espalhou rapidamente por alguns grupos, com links levando à publicação original. Isso fez com que muitas pessoas curtissem e comentassem. A maioria dos comentários desejava que ela descansasse em paz; porém, aqueles com maior número de curtidas eram: uma mensagem irônica “para que tantas balas? Você só vai precisar de uma”, um outro que a chamou de “FRACA”, em caixa alta, outro dizendo “Paletó de madeira” e, por fim, uma citação da bíblia dizendo que o descrente que comete suicídio acelera sua jornada para o lago de fogo.

O suicídio de pessoas LGBTQIA+<sup>2</sup> é um assunto complexo. Há poucos estudos sobre o tema e ele envolve, ao mesmo tempo, o tabu social do suicídio e os tabus de gênero e sexualidade. No entanto, seu entendimento é essencial para tratar, de modo geral e irrestrito, a saúde mental e suas interseções com marcadores sociais da diferença quando nos referimos a gênero e a sexualidade. Neste artigo, pretendo mostrar alguns dados que corroboram com resultados de algumas pesquisas internacionais que indicam que a suicidabilidade é maior no grupo que se encontra na sigla LGBTQIA+. Alguns destes estudos indicam que a probabilidade de um jovem neste grupo cometer suicídio pode ser de 2 a 7 vezes maior quando comparados com homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais. Além disso, não só aumentam os números de tentativas recorrentes como os métodos escolhidos costumam ser mais letais (VERDIER e FIRDION, 2003; SUICIDE PREVENTION RESOURCE CENTER, 2008; TEIXEIRA-FILHO et. al., 2011).

Apresento alguns dados obtidos em uma pesquisa de doutorado (NAGAFUCHI, 2017, 2018) e que passaram por uma reavaliação na forma por conta de participações em

---

<sup>2</sup> Utilizarei o termo trans para me referir às pessoas que se identificam como travestis, transexuais e transgêneros, uma vez que mesmo existindo definições, algumas vezes discordantes sobre as diferenças entre os dois termos, notei em campo que essas definições são postas em disputa por quem faz parte do T, seja por impulso pessoal ou político, de forma que prefiro não usar definições “oficiais” que possam parecer desrespeitosas ou ter que sempre buscar a posição identitárias das pessoas; preferi usar a sigla LGBTQIA+ para me referir às pessoas que se entendem fora das normatizações compulsórias de sexualidade ou de gênero: gays, lésbicas, bissexuais, trans, *queer*, intersexo, assexuais e as demais identidades. O símbolo +, ao invés de ser entendido como “o resto das identidades que não couberam na sigla”, deve ser entendido como soma, ou seja, como uma pluralidade e diversidade.

mesas redondas e palestras. Em maio de 2018, fui convidado para fazer parte de uma oficina de prevenção do suicídio promovida pelo Ministério da Saúde e da Organização Pan Americana da Saúde (OPAS/ONU), o que me permitiu pensar em novas possibilidades de cruzamento dos dados e de análise, além de retornar ao banco de dados. Tabelas com detalhamentos e outras informações, contudo, podem ser encontradas nas referências *opus citatum*.

Publiquei um questionário<sup>3</sup> on-line<sup>4</sup>, com a ferramenta de formulário gratuita do Google, por dez dias no mês de setembro de 2015. O questionário era bem simples, composto de um primeiro bloco sobre pensamentos suicidas no presente e no passado e sobre tentativas de suicídio; um bloco sobre o perfil do respondente, onde ele poderia responder a idade, a identidade ou expressão de gênero e orientação afetivo-sexual. Um último bloco apresentava uma caixa de texto para quem quisesse relatar uma experiência, ou mesmo enviar perguntas, sugestões, críticas à pesquisa e deixar um contato de *e-mail*. No total, 1.139 pessoas participaram respondendo ao questionário.

## 1. Apresentação de alguns dos dados

Do total de respondentes, 68,9% disseram já ter pensado em suicídio em algum momento da vida, em contraste com 11,4% que afirmaram pensar em suicídio no momento da vida em que responderam ao questionário. Além disso, 13,5% tentaram suicídio uma vez e 8,7% mais de uma vez. A maioria das pessoas estava na faixa etária entre 20 e 39 anos (78,5%). Em consonância com afirmações de que o suicídio tem aumentado em grupos de pessoas jovens, pessoas que tinham até 39 anos declararam maior porcentagem de tentativa de suicídio, chegando a quase 20% para os respondentes entre 20 e 24 anos que fizeram uma tentativa de suicídio.

---

<sup>3</sup> O questionário tinha intenção de fazer uma exploração comparativa e, também, ter mais contatos e possibilidades de interlocutores de pesquisa. Muitos dos participantes da etnografia em ambientes digitais da minha pesquisa de doutorado surgiram a partir das respostas deixadas no questionário.

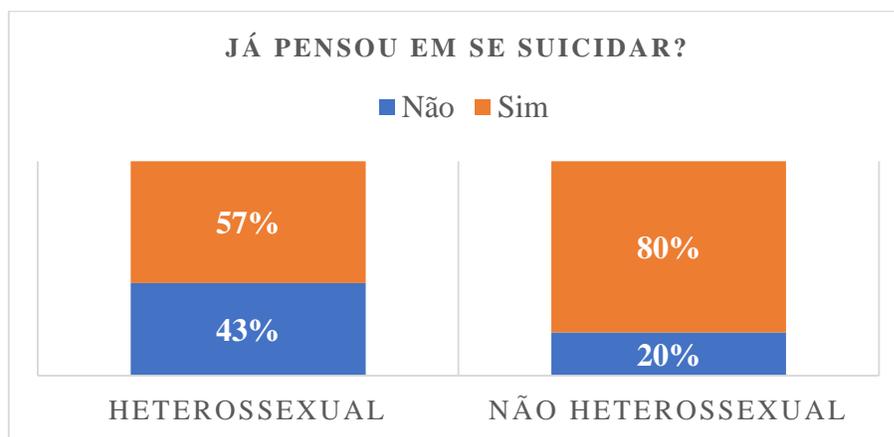
<sup>4</sup> Hoje, revisitando os dados, percebo o quanto fez falta uma pergunta sobre a declaração de raça/etnia/cor de pele do respondente. É bastante necessário que pesquisas sobre gênero e sexualidade façam uma leitura transversal com os marcadores sociais de classe social e econômico e características relacionados a raça/etnia/cor de pele. Só para citar dois exemplos de como a falta de dados dificultam a leitura da equação: (1) a precariedade do mercado de trabalho da população trans e (2) as pessoas LGBTQIA+ encarceradas. Esta é, contudo, e infelizmente, uma falha mais generalizada; sobre a produção de conhecimento sobre esta intersecção, indico a necessária pesquisa de Navasconi (2018).

Do total, 91,7% se declararam homem ou mulher cisgênero<sup>5</sup>, as outras categorias autodeclaradas envolviam homens e mulheres trans, gênero fluido, não binário ou *genderqueer* e travesti<sup>6</sup>. Com relação à orientação afetivo-sexual, 47,1% disseram ser heterossexuais, 35,6% homossexuais, 12,4% bissexuais e o restante outra categoria autodeclarada, como assexual, pansexual, demissexual, panromântico, fluida, heteroflexível ou sem identificação com as categorias dadas socialmente. A título de comparação e expressão dos dados, nos gráficos a seguir, separo em duas grandes categorias: homens e mulheres cis, pessoas não-cis; e heterossexual e não heterossexual.

### 1.1 Comparação entre orientações afetivo-sexuais

Com relação às respostas sobre pensamento atual ou passado sobre suicídio, as maiores respostas aparecem entre quem não se declarou heterossexual, com um quinto dos respondentes declarando que já pensou em suicídio em algum momento da vida. Com relação ao pensamento no presente, não houve muita diferença entre os grupos.

Gráfico 1 - Já pensou em suicídio?

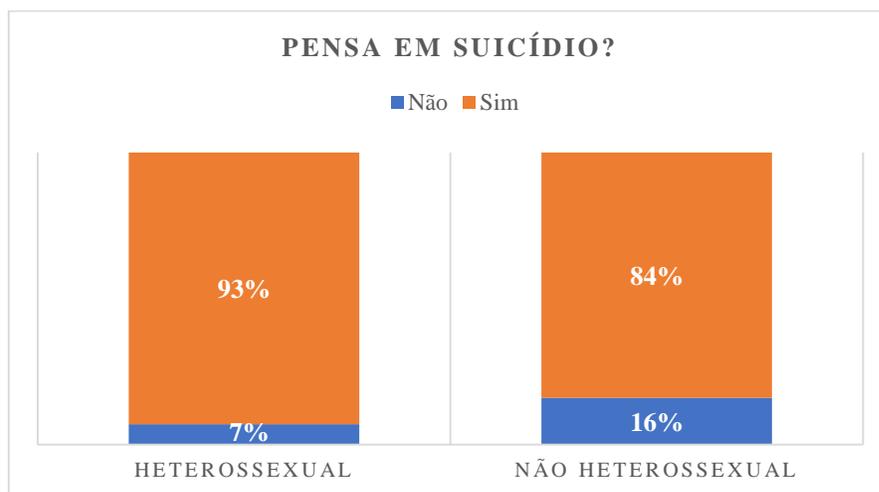


<sup>5</sup> As perguntas de identidade/expressão de gênero e orientação afetivo-sexual tinham categorias fechadas, porém, deixei um campo aberto para caso alguém quisesse colocar como se identifica. Além disso, deixei links em cada alternativa de resposta para explicações dos significados dos termos utilizados, porque tais terminologias ainda são restritas a quem estuda gênero e sexualidade.

<sup>6</sup> Em Nagafuchi (2017), aponte que existem dicionários na internet, que na época, indicavam a existência de 100 tipos de orientações afetivo-sexuais e 325 identidades de gênero. Há, por exemplo, no dicionário de gênero o termo “abimegender”, para um gênero profundo e infinito e, no dicionário de sexualidade, “requiessexual”, para quem não sente atração afetivo-sexual porque está emocionalmente exausto. Há necessidade de se pesquisar o impacto dessa explosão semântica identitária, porque a maioria das definições não encontra suporte com a realidade.

Fonte: Nagafuchi, 2017.

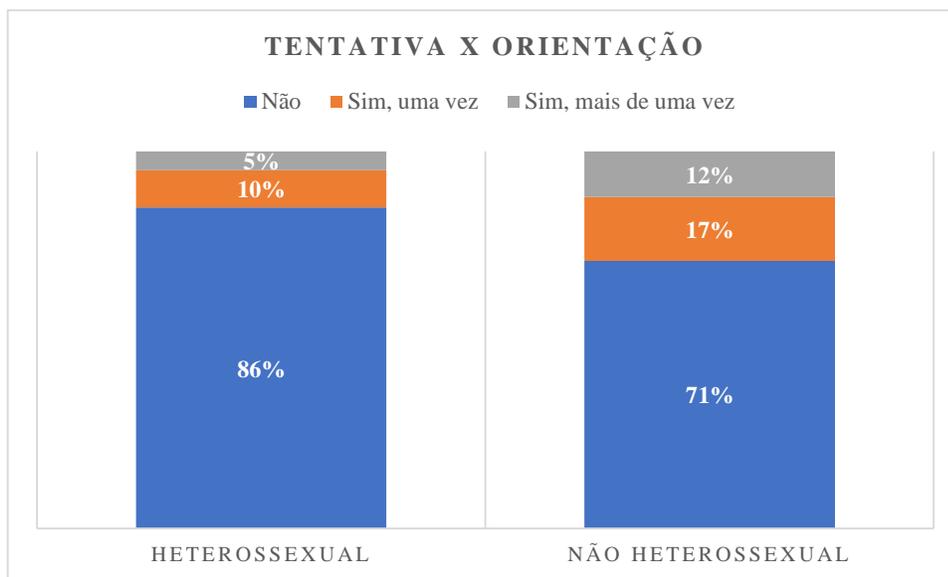
**Gráfico 2 - Pensa em suicídio?**



Fonte: Nagafuchi, 2017.

Com relação às tentativas, também apareceram mais respostas de uma ou mais de uma tentativa no grupo que não se declarou heterossexual. Comparativamente, há um aumento de 14% dos respondentes que tentaram se matar pelo menos uma vez.

**Gráfico 3 - Tentativa e Orientação afetivo-sexual**

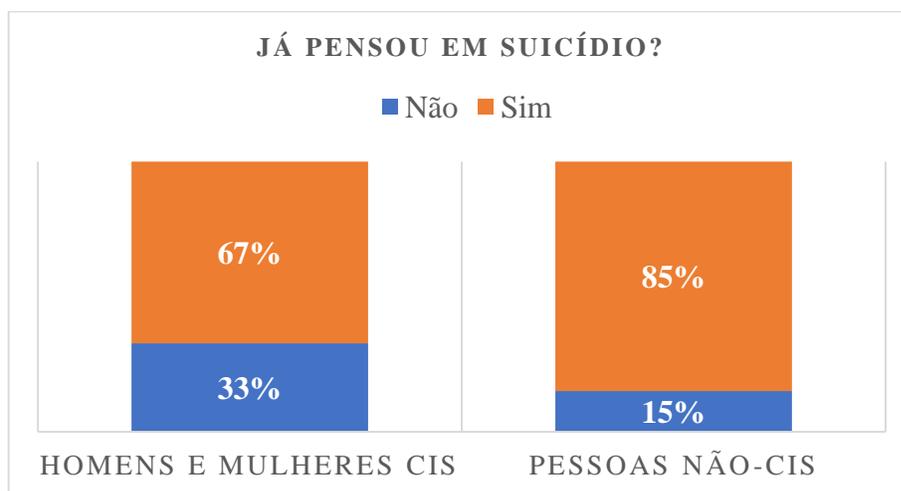


Fonte: Nagafuchi, 2017.

## 1.2 Comparação entre identidades de gênero

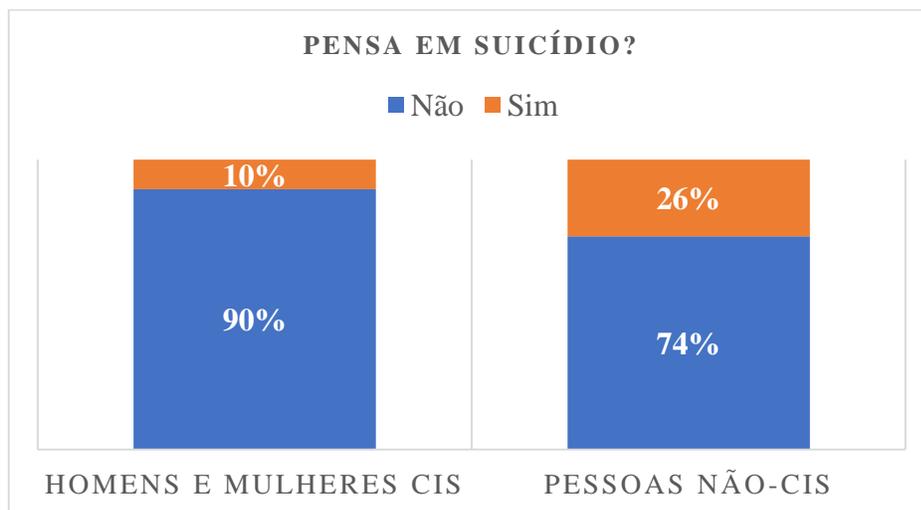
Os dados sobre pensamento anterior ou atual sobre suicídio, quando comparados os respondentes cis e não cis, são parecidos com os dados da comparação anterior, com um aumento da resposta “sim” nos grupos declarados não cisgêneros.

**Gráfico 4 - Já pensou em suicídio?**



Fonte: Nagafuchi, 2017.

**Gráfico 5 - Pensa em suicídio?**

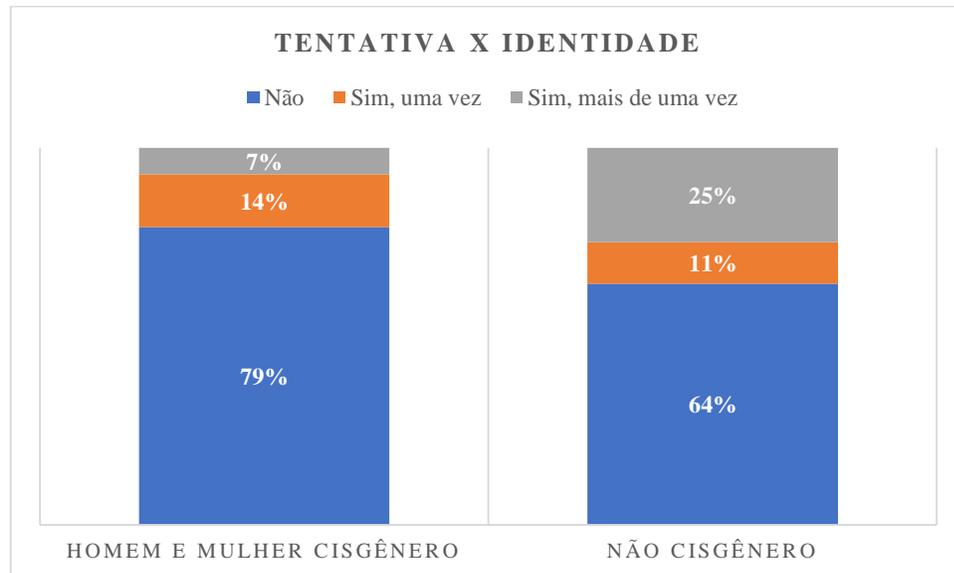


Fonte: Nagafuchi, 2017.

A diferença, no caso, é que os dados para as tentativas de suicídio apontam que, quem não se declarou cisgênero, disse ter tentado tirar a própria vida mais vezes, ou seja,

há um aumento significativo nas tentativas recorrentes. Os respondentes que disseram ter tentado suicídio mais de uma vez, no grupo não cis, é mais que o dobro do número de quem tentou uma vez. E, com relação aos respondentes que se declaram cisgêneros e tentaram suicídio mais de uma vez, há um aumento de mais de três vezes para quem respondeu que teve mais de uma tentativa no grupo de pessoas não cis.

**Gráfico 6 - Tentativa x Identidade de gênero**



Fonte: Nagafuchi, 2017.

### 2.3 Indicações dos dados

Os dados da pesquisa indicam que pessoas LGBTQIA+ têm uma maior probabilidade de pensar ou terem pensado em suicídio e de terem feito uma ou mais tentativas de tirar a própria vida, com um aumento do número de tentativas recorrentes para as pessoas que se declaram com identidades de gênero diferentes da categoria cisgênero.

## 3 Buscando interpretações dos dados

### 3.1 O problema do suicídio

O suicídio é um fenômeno complexo e de difícil interpretação. Há registros históricos de suicídio desde a antiguidade (MARQUETTI, 2018; MINOIS, 1999). Hoje em dia ainda se reproduzem algumas definições mais clássicas, como as sistematizações feitas por Durkheim, em seu *O Suicídio* (1987), que define a morte voluntária como um ato intencional consciente em direção à própria morte. No Brasil, Roosevelt Cassorla, que se dedica há muitos anos aos estudos sobre o tema, em 1985, em seu *O que é o suicídio?* (1985), da Coleção Primeiros Passos, da Editora Abril, inclui também o que chamava de comportamentos suicidas ou parasuicidas, que incluíam atividades como fumar e pular de paraquedas. Grandes áreas do conhecimento também são responsáveis por teorizações e pela busca por causas, como exemplo, *grosso modo*, a Psiquiatria (sistematizando ideação, plano suicida, tentativa e o suicídio), a Biologia e a Genética (na busca de genes do sistema neurobiológicos que seriam responsáveis por distúrbios depressivos), e ainda a Psicologia e a Psicanálise com diversas visões sobre o tema.

Para além das definições, o suicídio pode ser interpretado em diversas esferas dentro dos campos de análise. De modo individual, para aqueles que perderam alguém que se matou, por exemplo, com as formas de lidar com o luto ou na construção de conceitos, como “posvenção”. Ou, em um nível macrossocial, como um problema socioeconômico, por meio do impacto em taxas de desenvolvimento econômico criados para medir comprometimentos causados na área de saúde e doença, como o *Global Burden of Disease* (GBD), *Disability-adjusted-lost-years* (DALY) e *Years of Life Lost* (YLL) – estas medidas também incluem o impacto do suicídio.

Compreendo, contudo, que por se tratar de um fenômeno multicausal e de alta complexidade, seu entendimento deve ser multifocal, de modo a transbordar conhecimentos normativos ou visões de senso comum ou cheias de conceitos superficiais. Neste sentido, afirmo que o suicídio deve ser compreendido, por meio de suas características sociais, como resultado do sofrimento social e da violência (KLEINMAN, DAS e LOCK, 1997), de modo a incluir, assim, o suicídio na cultura humana, uma vez que a morte voluntária sempre acompanhou a nossa história. O suicídio deve ser entendido como um ato comunicacional (MARQUETTI, 2012; 2014) e constitutivo da experiência humana (STAPLES e WIDGER, 2012).

### **3.2 Suicídio como perda do futuro imaginado: subjetividade e experiência**

Como modo de compreender sua relação com os sofrimentos sociais e as violências que impactam nas subjetividades e nas experiências humanas, é possível articular referenciais teóricos da antropologia crítica da saúde por meio do que se denomina formas de vida (DAS, 2007; FASSIN, 2016, 2018). A partir desta fundamentação teórica, se faz possível compreender as normatividades de gênero e sexualidade, internas ou externas<sup>7</sup>, como determinantes em uma biopolítica que escolhe quais vidas podem continuar e quais devem ser terminadas (BUTLER, 2015; COVER, 2012). Ou seja, a partir de marcadores sociais da diferença, algumas formas de vida não são somente excluídas da comunidade ou da sociedade, mas também da própria vida.

Embora uma análise da biopolítica sobre o gênero e a sexualidade tenha uma potência heurística para compreender o sofrimento das pessoas LGBTQIA+, não há um caminho evidente que liga o suicídio a tal grupo de pessoas, isso porque o suicídio é um fenômeno complexo de ordem multifatorial, quase sempre impossível de se apontar uma causa específica. O fenômeno do suicídio é como um fractal, por mais perto ou mais longe que se olhe o fenômeno, a imagem final é sempre a mesma. Contudo, é possível incluir o suicídio como uma categoria de análise dos sofrimentos sociais a partir do momento em que o consideramos como evento social e cultural: o suicídio é um ato comunicativo que diz muito sobre a sociedade em que vivemos. Ou seja, mais do que um Mal a ser combatido a qualquer custo, como rezam as cartilhas médicas e documentos oficiais, é necessário entender o suicídio como resultado do sofrimento social e do ataque às subjetividades.

Tal paradigma é uma proposta de mudança no entendimento do fenômeno do suicídio não apenas nas ciências sociais, mas englobando diversas áreas de conhecimento de forma inter/transdisciplinar. Considero que este paradigma é fundamental para que as ações tomadas em relação à prevenção, às pesquisas e à produção de conhecimento sobre o tema deixem de ter como solução única a medicalização e as intervenções compulsórias dos sujeitos e de seus comportamentos.

---

<sup>7</sup> Por exemplo, a heteronormatividade como norma que regula o gênero e o sexo em Butler (2004) e a homonormatividade como uma espécie de norma que regula corpos e consumos dentro de uma comunidade específica (COVER, 2012).

Ao fazer isso, abrimos diversas possibilidades de análise e entendimento do fenômeno. Desse modo, é possível fazer uma leitura das biopolíticas contemporâneas ao considerar que “o suicídio é uma ruptura que se dá nas margens da vida, nas intermitências das possibilidades de vida e, por isso, é sempre lida por sua qualidade de liminaridade, de ação em direção à morte” (NAGAFUCHI, 2017, p.121). Por ruptura, entendo que o que corrompe a vida, ou as suas condições, é o que eu vou chamar, metaforicamente, de perda de um futuro imaginado.<sup>8</sup>

Para elaborar esta interpretação do suicídio, utilizo do conceito de antropologia do devir proposto por Biehl (2008) e Biehl e Locke (2017), que é uma articulação de uma compreensão pós-foucaultiana do sujeito e de suas experiências afetadas pelo biocapitalismo – entendendo o devir, para um sujeito que está na vida sempre na qualidade de inacabado, como uma transformação social marcada no tempo e no espaço. João Biehl, a partir de Deleuze, busca interpretar a sociedade como algo que escapa constantemente, fluindo em linhas de escape pela primazia do desejo sobre o poder, de modo que o sujeito não está-no-mundo somente por conta de um processo vertical e hierarquicamente determinante (como nas ideias de traumas passados de Freud ou das categorias e normalizações de Foucault), mas, também, articulando a sua subjetividade, que

[...] está no próprio processo do devir, naqueles esforços individuais e coletivos de afrouxar e relativizar, na medida do possível, os marcadores e controles e as violências estruturais, alcançando assim uma imanência, o poder do impessoal – uma **vida** [...]. Ou seja, podemos estudar a subjetividade como aquilo que excede e escapa, o que não pode ser fixado por uma norma ou numa forma (Biehl, 2008, p.422, negrito do autor).

Neste sentido, a capacidade humana e, portanto, a experiência, tem um caráter plástico ao modelar o mundo por meio do indivíduo, do social e do material. Este trabalho humano do devir está sempre no limite “do colapso financeiro, do desmoronamento infraestrutural e da calamidade ambiental; da violência racial, do populismo da direita e novos regimes alarmantes de segurança e vigilância; da guerra crônica, migração em massa e disparidades mortais de saúde” (BIEHL e LOCKE, 2017, p.4, tradução nossa). E nessa trama complexa, as pessoas vão se rearranjando para buscarem e para construírem

---

<sup>8</sup> O termo “perda de um futuro imaginado”, que tomo emprestado, aparece de forma tangencial na introdução de Biehl e Locke (2017) para introduzir a temática da antropologia do devir. Faço uma proposta de desenvolvimento deste referencial teórico em artigo ainda no prelo, chamado “Uma interpretação antropológica do suicídio: devir, formas de vida e subjetividades”, a ser publicado na Revista M.

formas de vida possíveis, e também para se projetarem em algum horizonte ou futuro. Contudo, o devir, no sentido de uma plasticidade humana, é também carregado de potenciais destrutivos e violentos.

A transformação humana pelo devir, assim, é uma proposta que leva em conta a plasticidade e a qualidade de inacabado das pessoas para formar um horizonte de possibilidade para os sujeitos. Quer dizer, a plasticidade e o devir são onipresentes e independem dos cenários de morte e miséria, ao mesmo tempo que estes processos estão na trama das vidas das pessoas, dando caminho para que possam construir suas próprias trajetórias e imaginar um futuro.

Assim, o suicídio seria a perda do horizonte e a ausência do futuro. Fundamentado na experiência dos sujeitos, o suicídio se daria a partir de duas formas: ou como a impossibilidade das plasticidades das subjetividades ou como um devir extremo. Essa interpretação pode ser feita a partir dos tipos de discursos de suicídio, que estão na base de formação do que poderíamos chamar de arquétipos. Solomon (2014), por exemplo, enumera quatro tipos distintos de discurso: aquele do suicídio como ato impulsivo, praticado sem muita ou nenhuma reflexão sobre as consequências do ato; aquele que considera o ato como uma vingança, como se o suicídio não fosse irreversível; aquele da lógica falha, que tem ideação e pensa em planos para atingir o objetivo; e aquele da lógica racional, que após pesar todas as possibilidades da vida, preserva no discurso a crença de que os momentos de prazer não superariam os momentos de sofrimento. Já Widger (2012), numa etnografia sobre suicídio no Sri Lanka, identifica em seus sujeitos etnográficos os seguintes discursos: do sofrimento, como inabilidade de alterar a tristeza e a falta de esperança; da frustração, como incapacidade de alterações na vida afetiva e nos modos de ocupação do tempo e as finanças; da raiva, como a ativação por conta de um episódio cotidiano, que guarda semelhanças com o discurso impulsivo porque vem sem aviso ou planejamento<sup>9</sup>.

Na etnografia que realizei no doutorado, conto a história de Antônio, de 43 anos, e Tomás, de 25<sup>10</sup> (NAGAFUCHI, 2017). Antônio me contou com detalhes oito tentativas

---

<sup>9</sup> Como as histórias de suicídio são complexas, elas podem envolver agenciamentos de diferentes discursos. Além disso, há prevalência de certos aspectos quando são feitos recortes de grandes categorias de marcadores sociais, como gênero, raça/etnia/cor de pele, classe social e econômica e geração (idade).

<sup>10</sup> Essas histórias de vida são muito complexas e esses resumos são usados apenas como exemplos do que construí, grosso modo, como estrutura teórica da pesquisa.

de suicídio, a primeira após o término de um relacionamento, e as outras em sequência, já Tomás relata, quase que de forma niilista, uma distância que mantém daquilo que ele chama de “teatro humano”, e como não consegue fazer parte dele, confessa que seu desejo suicida é, em suma, uma vontade de retornar a uma matéria inorgânica, sem vida. Antônio, se aproximaria mais dos arquétipos do ato impulsivo ou da raiva, enquanto Tomás se aproximaria mais da lógica racional e da frustração, por desacreditar que consiga fazer parte da vida. Um como devir extremo, outro como ausência da plasticidade.

#### 4. Narrativas da pesquisa deixadas no final do questionário

Mais de 150 pessoas deixaram recados no final do questionário. Algumas pessoas elogiaram e desejaram sucesso com a pesquisa, outras deixaram algumas narrativas. Transcrevo, a seguir, alguns depoimentos que foram deixados, caracterizando a identidade e a expressão de gênero, orientação afetivo-sexual e faixa etária. Quero que os relatos sirvam não somente como parte constitutiva do artigo, mas como uma possibilidade de dar uma voz plural a todos que responderam às perguntas.

Melina<sup>11</sup>, mulher cis, homossexual, entre 20 e 24 anos:

Respondi que já pensei em me suicidar por conta da minha orientação sexual, mas acho importante dizer que não foi uma relação de causa e consequência. Ser lésbica nunca foi um problema a nível de aceitação para mim. No entanto, a não aceitação de meus pais, a vergonha que olhares alheios provocam, as recorrentes frases homofóbicas... Esse conjunto de situações reduziram e ainda reduzem muito a minha autoestima, minha vontade de continuar vivendo em uma sociedade tão preconceituosa. É preciso força e incentivo diários para continuar resistindo.

Heitor, homem cis, homossexual, entre 50 e 59 anos:

[...]Na verdade, o desejo de acabar com a minha vida não foi diretamente (causada) pela minha orientação sexual, mas por causa da homofobia. Nunca tive problemas em ser gay, mas em viver em uma sociedade homofóbica. A homofobia destruiu a minha vida me causando desde a adolescência uma séria fobia social. Até hoje, com mais de 50 anos eu não trabalho (trabalhei durante um ano e tive que parar exatamente para não acabar com a minha vida) e poucas vezes namorei. Consegui terminar o ensino superior com muito custo. Fiz psicoterapia durante 10 anos e não resolveu muita coisa. O que me mantém vivo são os antidepressivos. Assim que paro de tomar, eu começo a pensar em

<sup>11</sup> Nomes inventados, não havia espaço para nome. Em alguns casos, em que alguns *e-mails* foram deixados e havia possibilidade de identificação dos nomes, eles foram alterados.

suicídio. Então, sou um homem de meia idade que não consegue nem usufruir de forma completa de sua sexualidade por conta da falta de libido que o antidepressivo proporciona. E o que me dá mais ódio são esses religiosos e esses políticos homofóbicos que querem que outras crianças, como eu fui, sejam destruídas como eu fui.

Miguel, homem cis, homossexual, entre 18 e 19 anos:

A minha orientação sexual teve grande peso em um momento de grande instabilidade emocional, por volta dos 16 anos até os 18 anos. Não era a causa principal, mas a ideia de não ser aceito pela minha família e pela sociedade me abalava muito e contribuía com que minha vontade de viver fosse pouca. Em alguns momentos pensava que não teria problema em morrer.

115

Muitas das pessoas que deixaram relato entendem que o que teria impulsionado um desejo suicida neles não teria sido exatamente a orientação afetivo-sexual, mas, sim, a forma como ela é lida socialmente e desautorizada pelas normas sociais que regem a sexualidade. A forma com que a sociedade respondia e responde às suas individualidades os causaram imenso sofrimento, que só é aplacado com “força e incentivo” ou com antidepressivos. Alguns dizem lidar bem com o fato de serem homossexuais, mas encontram resistência para uma existência plena, na qual suas experiências sejam reconhecidas de alguma forma como experiência humana.

A construção do sujeito contemporâneo se dá na base das formas de vida que são reconhecidas e aceitas. Esse reconhecimento se dá no cotidiano da experiência dessas pessoas, e quando não ocorre, as formas de vida deixam de ter forma e vida e dão lugar a um discurso de morte. O que chamamos de humano, ou de não humano, se esfumaça no que consideramos vida ou não vida e, no cotidiano, o perigo, para além dos estatutos de reconhecimento do outro como parte de uma comunidade, se funda também no reconhecimento do outro como parte da própria vida (DAS, 2007; AGAMBEN, 2012; BUTLER, 2015).

Em alguns casos, há o sentimento de uma espécie de abandono, como se não houvesse interesse ou desejo de outra pessoa em construir um vínculo afetivo. A tais ideias, amalgama-se um sentimento de que o próprio destino fracassou em construir caminhos de vida que são aparentemente comuns à maioria dos sujeitos. Alguns deles apontam que a vontade de morrer não é necessariamente uma vontade de se suicidar.

Tiago, homem cis, de 22 anos, homossexual:

Eu sou Cis homo, mas não penso em me suicidar por isso, acredito que sim é um mundo difícil para pessoas diferentes, mas eu tive sorte, minha família é ok com isso, e geralmente os lugares que eu frequento também são, minha vontade de me suicidar vem de tristezas que eu trago no meu coração, eu me sinto muito rejeitado pelo mundo, de diferentes formas. Eu tenho 22 anos e nunca tive um namoro sério, me sinto profundamente rejeitado pelos garotos que quando aparecem me querem (apenas) pra sexo ou algo assim, nunca pra algo realmente sério, e eu quero ser músico, cantor; eu canto, componho e toco piano, sei que não sou o melhor nessas 3 coisas, mas eu acho que evoluo a cada ano, mas muita gente discorda de mim, então me sinto rejeitado artisticamente também. Isso melhora, cada dia acho que me sinto mais seguro, mas ainda é uma batalha não vencida. Então eu fico sentindo que eu não vou ter um futuro bom, o presente já é um pouco estranho, tenho 22 anos e posso ser facilmente taxado de fracassado e a pressão por não ter nada na vida (um amor, uma carreira, dinheiro, etc.) vem de todos os lados, principalmente de mim, então fico querendo morrer, querendo nunca ter nascido, queria desaparecer, porque tudo que eu vivo é tédio e decepções atuais somadas a angústias do passado... espero que isso ajude na sua pesquisa, embora acredite que você vá focar mais em quem quer se suicidar por sofrer preconceito de gênero/sexualidade (o que eu acho MUITO válido, essas pessoas precisam de atenção)... Enfim, foi bom desabafar.

Júlio, homem cis, homossexual, 30 anos:

Olha, eu não sei se o motivo é pela minha orientação sexual. Eu gosto de caras, porém tenho 30 anos e nunca consegui me relacionar afetivamente com uma pessoa que seja assumidamente homossexual. E isso me aflige.

Ricardo, homem cis, homossexual, entre 25 e 29 anos:

Pensei em me suicidar na adolescência numa fase em que não entendia o que se passava comigo. Não tinha com quem compartilhar esses sentimentos, sentia que não me encaixava na sociedade. Não sentia nem tinha abertura pra falar sobre (isso) com meus pais, então por algumas vezes pensei em suicídio, porém nunca realizei nenhuma tentativa.

Luís, homem cis, homossexual, entre 30 e 39 anos:

O suicídio em si, nunca cheguei a planejar seriamente... Mas, devido às pressões sociais contra a minha orientação sexual, por muito tempo acreditava que morrer seria a melhor saída. Talvez fosse interessante colocar também essa opção na pesquisa: desejar a própria morte, sem necessariamente ser o responsável por ela.

Ariel e Miranda consideram que a resposta do suicídio de pessoas LGBTQIA+ estaria na sociedade, por conta do ódio em diversos lugares, que seria responsável por pressionar os sujeitos em direção à morte, entendo aqui, de forma literal e simbólica.

Ariel, *genderqueer*, homossexual, entre 30 e 39 anos:

Acredito que a maioria das pessoas LGBT em algum momento já pensou em se suicidar, não tanto por causa da sua identidade de gênero ou orientação homoafetiva, mas pelo ódio que a sociedade nutre por nós e todas as consequências que isso traz. Ódio na família, ódio no trabalho, na rua, nas festas. Diria que um LGBT pensa em se suicidar não por conta de como ele se sente consigo mesmo, mas porque o preconceito exerce uma pressão de morte, de extermínio nos indivíduos que não se enquadram nos padrões heteronormativos.

Miranda, mulher cis, bissexual, entre 20 e 24 anos:

Como não pensar em se matar em uma sociedade estruturada para ferrar com sua vida?

Além de estruturas opressivas relacionadas à sexualidade, em alguns relatos apareceram também fatores que se somam e que teriam contribuído com pensamentos suicidas, como o uso abusivo de álcool e cocaína ou o fato de ter sorologia positiva para o hiv.

Chico, homem cis, homossexual, entre 40 e 49 anos:

Fique à vontade para questionamentos. Em resumo: tive infância e adolescência sofrendo com o preconceito (inclusive o meu próprio), com pensamentos suicidas – porém, sem tentativas. Somado a isso: depressão, que creio foi enormemente agravada pela condição de não me aceitar como homossexual. Passei a usar muito álcool e cocaína, tornando-me dependente químico. As tentativas de suicídio (que foram duas) tiveram como motivo primeiro a dependência química.

Lúcio, homem cis, homossexual, entre 30 e 39 anos:

Minha família preferia que eu tivesse me suicidado, pois sou gay e soropositivo, mas me acho meio covarde pra isso prefiro viver com as dificuldades.

Igor, homem cis, bissexual, entre 20 e 24 anos:

Alego outros motivos, mas minha orientação sexual é uns dos motivantes, e mais, uso abusivo de drogas e álcool.

Bruno, homem cis, homossexual, entre 20 e 24 anos:

Tenho hiv. Não é fácil me apaixonar e me relacionar sendo soropositivo. Me cansei de contar as vezes que fui descartado por conta da minha sorologia.

Mulheres que deixaram relatos apresentam histórias que contém cenas de violência física ou subjetiva e de abuso sexual. Como nas várias histórias contadas por Veena Das (2007), as experiências de sofrimento social das mulheres são atravessadas pelo seu gênero. Até mesmo o ato do suicídio é atravessado pelo gênero, tema ainda pouco

explorado e coberto de tabus e sentidos comuns, até mesmo em falas de profissionais da área da saúde que pesquisam suicídio (MARQUETTI e MARQUETTI, 2017; MARQUETTI, 2018).

Sheila, mulher cis, pansexual, entre 40 e 49 anos:

O motivo pelo qual pensei em me suicidar foi a severíssima educação que me deram por ser mulher. Sem liberdade nenhuma, sem poder ter opinião ou tomar qualquer decisão, nem sequer iria poder escolher a minha carreira! Finalmente resolvi fugir de casa aos 20 anos e agora está tudo superado entre os meus pais e eu. Eles não tocam na questão de orientação sexual e eu respeito que eles não queiram tratar do assunto, mas a minha mãe conheceu minha última namorada e foi tudo muito tranquilo.

Lilian, mulher cis, homossexual, entre 25 e 29 anos:

Tentei me suicidar aos 18 anos, estava fugida de casa, após ser agredida e ter 3 costelas quebradas pelo meu pai por ser homossexual. Tomei aproximadamente 109 comprimidos. Fiquei no hospital 4 dias. Não tenho lembrança de nada do hospital e dos dias que se passaram. Eu estava no fundo do poço.

Alessandra, mulher cis, pansexual, entre 30 e 39 anos:

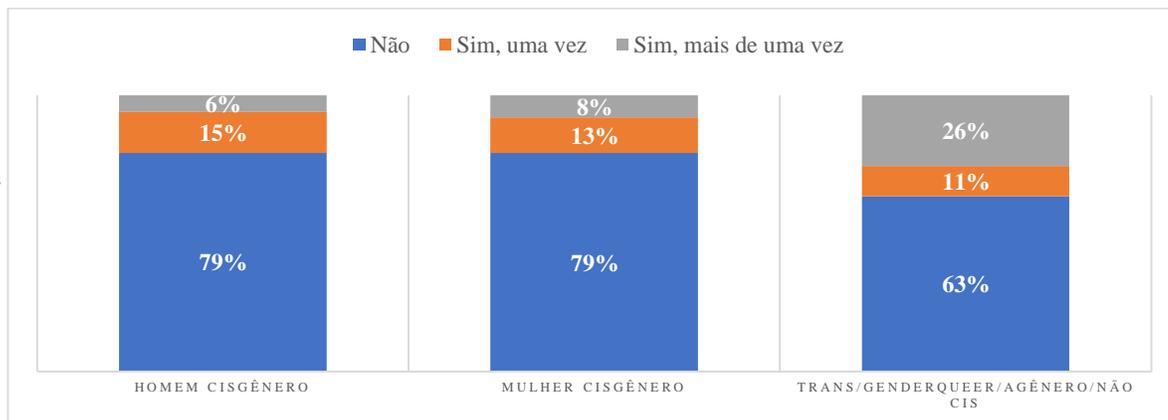
Meus motivos não foram sobre identidade sexual, mas por abuso sexual quando criança e adolescente, pobreza, machismo, dentre outros, mas os citados foram os mais significativos. Enfrentei essas questões e hoje sigo na luta por um mundo mais equânime para as pessoas, principalmente para o feminino.

No grupo de dados<sup>12</sup>, quando comparados homens e mulheres cis, não há diferença entre a quantidade de pessoas que responderam que tentaram suicídio, porém, há um pequeno aumento no caso de mulheres cis que tiveram mais de uma tentativa relatada.

---

<sup>12</sup> É preciso deixar claro que a pesquisa não tinha intenção de ter representatividade estatística, por conta da natureza e do grupo de pessoas que responderam, trata-se mais de um estudo comparativo. Digo isto porque nas estatísticas oficiais, embora os homens cometam mais suicídio, as mulheres realizam mais tentativas. Para uma discussão sobre esta questão do gênero do suicídio, cf. Marquetti (2018).

**Gráfico 7 - Tentativa de suicídio e gênero**



Fonte: Nagafuchi, 2017.

Alguns relatos apresentam uma reflexão sobre o tema e sobre o impacto na vida dos respondentes, seja positiva ou negativamente. Por exemplo, há relatos de como ter feito parte de uma comunidade inclusiva fez diferença para que fosse possível se sentir como parte da vida. São exemplos de construções possíveis de horizontes por meio das características da própria história de vida; é interessante notar que foram escritos por pessoas com menos de 20 anos.

Pedro, homem cis, homossexual, entre 18 e 19 anos:

Eu pensei sim em tirar minha vida, por me achar anormal, eu me atraia por mulheres, e por homens, que tipo de aberração era eu, pensava. Mas, depois de um tempo eu vi que não valia a pena, pra que tirar se eu posso ganhar, ganhar tudo, ganhar o mundo, e fazer dele o melhor lugar pra que outras pessoas que já pensaram em sair dele, que tenham vontade de ficar, e que fiquem felizes, sempre!

Lucas, homem cis, homossexual, entre 18 e 19 anos:

Oi, gostei muito da sua pesquisa de Doutorado. Já pensei em suicídio sim, e tenho outros amigos que também já fizeram o mesmo. Sabe, fico pensando, que talvez haja muita gente por aí que não comete o ato em si e encerra a vida de vez, mas faz isso gradativamente todos os dias. Ou melhor seria dizer que a sociedade faz isso conosco todos os dias? Não sei, fico a pensar que todas as mazelas que existem por aí são reflexo de uma sociedade pouca reflexiva, mas tão intransigente e cheia de verdades absolutas... Quero cursar Psicologia, não sei se é esse o curso que você fez, mas pretendo trabalhar orientando pessoas e família sobre a orientação sexual e identidade de gênero. Um beijo e abraço grandão!

Victor, homem cis, homossexual, entre 18 e 19 anos:

No meu caso, minha orientação sexual e estilo de vida desviantes da heteronormatividade foram fatores muito relevantes pra uma sensação recorrente de isolamento e alienação, de que não tinha um futuro nesse mundo. Essas sensações, aliadas a outros problemas, acabavam me deixando deprimido e com pensamentos suicidas. Participar de comunidades que me incluíssem e conhecer outras pessoas LGBT foi muito determinante pra aliviar essa sensação de deslocamento.

Elena, mulher cis, pansexual, entre 18 e 19 anos:

Acredito que as pesquisas e o trabalhos obtidos através delas (como estás pretendendo fazer aqui) são grandes fontes de matéria prima para os tantos debates de desconstrução cotidianas; toda busca para visibilizar as lutas de orientação/gênero são de grande valia. Eu, hoje, evoluindo em vários aspectos que foram considerados depressivos e afastando cada vez mais das tendências autodestrutivas, tenho encontrando em grupos, leituras, diálogos o apoio necessário para me erguer, bem como, auxiliar outros jovens que tanto se escondem e sofrem no silêncio. Agradeço sua atitude e aprecio sua escolha de tema. Desejo-lhe força e boas energias para concluir teu projeto!

120

Relatos sobre as dificuldades de se sentir em um gênero “inadequado”, ou como se o “corpo estrangeiro” só pudesse ser resolvido com a lâmina do bisturi ou da navalha; como intervenção cirúrgica ou como suicídio.

Patrícia, mulher trans, entre 20 e 24 anos, pansexual:

De repente é cansativo demais lutar contra uma imagem do suposto natural, contra um desejo de existir que parece perverso em demasia para a sociedade, com um espelho que nos contradiz, um corpo estrangeiro, uma angústia que não se resolve com a fala, mas com o bisturi. E quando o bisturi não chega a tempo, pensamos nas navalhas.

Iris, gênero fluido, homossexual, entre 30 e 39 anos:

Creio eu, seja o suicídio uma questão superada hoje. Mas estive muito presente durante a adolescência e começo da vida adulta. Um sentimento de inadequação muito estimulado pela pressão familiar e suas expectativas não correspondidas pelo(s) meu(s) modo(s) de ser. Naquele momento, o suicídio parecia não se diferenciar de uma vida que não existia.

A partir das falas de alguns respondentes, vemos o modo que sujeitos que estão fora da vida, ou seja, que têm a constante leitura de que suas existências não são reconhecidas enquanto vida, são marginalizados e vislumbram o próprio extermínio como uma possibilidade real. Quando a forma de reconhecer a dor outro se dá por meio de uma linguagem da dor, já que não podemos sentir a dor do outro, seu reconhecendo enquanto sujeito, ao incorrer em silenciamentos por meio de generalizações apressadas do senso

comum ou simplesmente usando classificações de problemas mentais, corremos o risco de praticar uma violência contra um sujeito já violentado pela dor.

É nesse ponto que o exercício da alteridade se mostra essencial no entendimento do suicídio – principalmente porque as pessoas têm a necessidade de comunicar sua dor e muitas vezes não encontram modos de fazê-lo. Porque ao reconstruir suas próprias histórias, os sujeitos ressignificam suas experiências; sem a caracterização do passado como história, não há como fazer e refazer horizontes possíveis para que permaneçam na vida. Destaco a importância de dar voz aos sujeitos. Porém, quando tratamos dos discursos dos sujeitos LGBTQIA+ pela ótica do sofrimento,

a ideia não é trazer à tona uma concepção de vitimização ou vulnerabilidade, embora isso também faça parte dos discursos, mas sim mostrar como as subjetividades estão partidas e constantemente construídas e reconstruídas em modos de subjetivação que, muitas vezes, sufocam as possibilidades de experiência desses sujeitos. (NAGAFUCHI, 2017, p. 200).

Além disso, é importante perceber como

as vozes são plurais. Do sujeito que acha que a existência humana não tem qualquer sentido, àquele que não vê sentido na vida fora do *script* social esperado de relacionamento, família, trabalho, etc., do sujeito que não considera uma vida possível em seu corpo, àquele que já não suporta mais a violência diária por conta do corpo que tem, do sujeito que pesquisa a melhor forma de tirar a própria vida para sofrer o mínimo possível, àquele que lança mão do que estiver mais perto no momento, do sujeito que pensa muito em se matar, àquele que já tentou diversas vezes; muitas são as nuances que o tema permite em suas leituras – por isso não cabem interpretações simplistas ou reducionistas ou deterministas. (NAGAFUCHI, 2017, p.200-1)

### **Considerações finais**

Este artigo foi escrito entre as últimas horas do ano de 2018 e os primeiros dias de 2019, período que marca um ponto sem retorno da nossa participação democrática por conta de um novo grupo que assume o governo no primeiro dia de 2019. Há uma atmosfera de medo que, quase que fatalmente, invade nossas subjetividades e nos faz ansiar que tipos de enfrentamentos teremos nos próximos anos. Para quem está consciente de seus marcadores sociais da diferença e faz parte das minorias sociais, e quem está consciente dos movimentos que se prenunciam – uma vez que há otimistas em todos os grupos minoritários –, os pensamentos não conseguem desviar da possibilidade do aumento de

todos os tipos de violência e perda de direitos conquistados a tantas duras penas no decorrer da história.

Na época em que escrevia a tese, Marcos Feliciano, deputado federal, presidia a comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Era uma situação muito bizarra, dadas as posturas e falas pouco democráticas do deputado, que deveriam ter sido, *per se*, suficientes para barrar a possibilidade do seu comando da comissão. Naquele momento, sequer imaginávamos que teríamos este presidente, em 2019. O resultado de sua eleição resultou em um momento de pânico nas redes sociais; vi surgirem coletivos digitais de defesas dos direitos das pessoas LGBTQIA+, e também a criação de grupos de pessoas no bairro em que moro e que estavam interessadas em organizar, o quanto antes, aulas de algum tipo de técnica de proteção pessoal, como Krav Magá; também testemunhei a criação de grupos de WhatsApp para que as pessoas pudessem pedir socorro caso se encontrassem em algum tipo de situação de risco ou de vulnerabilidade. Os relatos de casos de violência contra gays, lésbicas e pessoas trans começaram a ficar mais frequentes na *timeline* do Facebook, muitos amigos e conhecidos compartilhando os próprios receios ou mensagens republicadas de outras pessoas relatando seus casos de violência e de medo. O momento parecia insustentável, ao mesmo tempo que víamos estranhos estourando fogos e buzinando nas ruas das cidades em comemoração ao resultado da eleição, também testemunhamos amigos próximos e familiares comemorarem a vitória do eleito no segundo turno. É tudo muito recente, porém alguns relatos de sofrimento revelam as subjetividades rompidas por conta dos diversos conflitos gerados durante as eleições.

De todo modo, neste exato momento, ainda está se desenhando no horizonte o que, de fato, pode acontecer com o grupo de extrema-direita que ganhou democraticamente as rédeas do Poder Executivo do país – e em parte, também, do Legislativo por conta dos representantes da Câmara dos Deputados e Vereadores e do Senado Federal. Não há, entretanto, espaço para otimismo uma vez que nos resta torcer pelo menos pior. O que tenho acompanhado nas redes sociais e nas conversas é um medo generalizado a partir do discurso político; faz-se necessário, de algum modo, pensar em possibilidades de ação e resistência para que as formas de vida das minorias sociais com marcadores de gênero e sexualidade não sejam esfaceladas no asfalto das vias políticas.

Figura 1 – Tacos de baseball personalizados à venda no Mercado Livre



Fonte: site do Mercado Livre<sup>13</sup>.

Vi um conhecido publicar em seu Facebook que a rede social teria sugerido que ele comprasse os tacos de *baseball* personalizados no Mercado Livre da figura 1, um *site* de comércio onde os usuários podem vender e comprar os mais diversos produtos. Republicuei a postagem e uma amiga notou que um dos tacos da imagem, aquele coberto de arame farpado, é parecido com o de um personagem da série americana *The Walking Dead*: ela me informou que ele usava o taco para “matar” os zumbis que apareciam em seu caminho. Em alguns casos, o termo “zumbi” é utilizado para designar pessoas em situação de rua que fazem uso de drogas, como se fossem andarilhos urbanos sem vida, ou que não fazem parte da vida porque estão desautorizados dela. Fiz, para mim, o questionamento de que outras minorias com marcadores sociais da diferença talvez se tornem novos zumbis a serem eliminados com tacos de *baseball* com inscrição de “direitos humanos” ou “diálogo”<sup>14</sup>. É uma imagem, uma metáfora, um símbolo, carregados de potência interpretativa para os nossos dias.

Zumbi é sinônimo de morto-vivo, como Catarina e outras sujeitos nas zonas de abandono social descritas por Biehl (2005); ela escrevia em seu caderno: “morta viva, morta por fora, viva por dentro”. Ao se pensar nas formas de vida, a partir das metáforas que surgem nos estudos das biopolíticas contemporâneas, é necessário empreender ações para que os discursos exterminadores não confinem os sujeitos em zonas de abandono

<sup>13</sup> Acesso em 31 de dezembro de 2018, já retirado do ar.

<sup>14</sup> Aparentemente, os tacos são vendidos como itens decorativos.

social físicas ou subjetivas, que muros desconstruídos não sejam reerguidos separando o que seria normal do que seria anormal, separando quais vidas podem continuar e quais são invisíveis e descartáveis.

Não há dúvida que essa “zumbificação” de comportamentos, e aqui me refiro ao ataque discursivo político contra o gênero e a sexualidade, atravessa a subjetividade dos sujeitos de forma cruel, ainda que a plasticidade das formas de vida escape, e ainda que os devires, como transformações sociais, sejam dados em contextos difíceis e de sofrimento. No extremo, como indiquei, o suicídio pode ser lido como a perda de um futuro imaginado, na ausência completa de plasticidade, por não haver pontos de fuga, ou como uma transformação de devir extrema, como resposta racional repleta de significados políticos.

O desafio que se desenha, no momento, é trazer discursos de esperança e esboçar futuros e horizontes; praticar a alteridade, seja por meio de escuta empática, seja por meio do reconhecimento do outro como sujeito humano – é preciso trazê-los de volta à vida. É preciso criar possibilidades entre os extremos, porque não há devir e plasticidade da experiência para sujeitos que são excluídos da vida. Não há flor que nasça do concreto sem que haja uma semente.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**. 2ª ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 197pp.

BIEHL, João. **VITA: Life in a Zone of Social Abandonment**. Berkeley: University of California Press, 2005. 404pp.

BIEHL, João. A Life: Between Psychiatric Drugs and Social Abandonment, In: BIEHL, João, GOOD, Byron, KLEINMAN, Arthur. **Subjectivity: Ethnographic Investigations**. Berkeley: University of California Press, 2007. 477pp.

BIEHL, João. Antropologia do Devir: Psicofármacos – Abandono Social – Desejo. **Revista de Antropologia da USP**, v.51, n.2, p.413-49, 2008.

BIEHL, João; LOCKE, Peter. **Unfinished: The Anthropology of Becoming**. Duke University Press: Londres, 2017. 400pp.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York and London, Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASSORLA, Roosevelt M.S., **O que é Suicídio?**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

COVER, Rob. **Queer Youth Suicide, Culture and Identity: Unliveable Lives?** Surrey: Ashgate, 2012.

DAS, Veena. **Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary.** Berkeley: University of California Press, 2007. 296pp.

DURKHEIM, Emile. **O Suicídio.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2008. 552pp.

FASSIN, Didier. The Value of Life and the Worth of Lives, In: Das, Veena; Han, Clara (ed.). **Living and Dying in the Contemporary World: A Compendium.** Oakland: University of California Press, 2016.

FASSIN, Didier. **Life: A Critical User's Manual.** Cambridge: Polity Press, 2018. 158pp.

KLEINMAN, Arthur; DAS, Veena; LOCK, Margaret. **Social Suffering.** Berkeley: University of California Press, 1997. 464p.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O Suicídio como Espetáculo na Metrópole de São Paulo.** São Paulo: Editora UNIFESP, 2012. 248pp.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. O Suicídio e sua essência transgressora. **Psicologia USP**, v.25, p.237-245, 2014.

MARQUETTI, Fernanda Cristina; MARQUETTI, Flávia Regina. Suicídio e Feminilidades. **Cadernos Pagu**, n.49, e.174921, 2017.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. As Noivas Vermelhas, In: MARQUETTI, Fernanda Cristina (Org). **Suicídio: escutas do silêncio.** São Paulo: Editora UNIFESP, 2018. 208pp.

MARQUETTI, Flávia Regina. O suicídio na Grécia Clássica: entre a espada e o laço, In: MARQUETTI, Fernanda Cristina (Org). **Suicídio: escutas do silêncio.** São Paulo: Editora UNIFESP, 2018. 208pp.

MINOIS, Georges. **History of Suicide: Voluntary Death in Western Culture.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999. 400pp.

NAGAFUCHI, Thiago. **Um réquiem feito de silêncios: suicídio, gênero e sexualidade na era digital** (tese de doutorado), Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. 217pp.

NAGAFUCHI, Thiago. Em busca de vozes no silêncio: suicídio, gênero e sexualidade na era digital, In: MARQUETTI, Fernanda Cristina (Org), **Suicídio: escutas do silêncio**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2018.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. **Vida, adoecimento e suicídio: racismo na produção de conhecimento sobre jovens negros/as LBTTIs** (dissertação de mestrado), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, 2018. 275pp.

SOLOMON, Andrew. **O Demônio do meio-dia: Uma anatomia da depressão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 584pp.

STAPLES, James e WIDGER, Tom. Situating Suicide as an Anthropological Problem: Ethnographic Approaches to Understanding Self-Harm and Self-Inflicted Death. **Culture, Medicine and Psychiatry**, 36, 2012.

SUICIDE PREVENTION CENTER. **Suicide Risk and Prevention For Lesbian, Gay, Bisexual and Tansgender Youth**. MA, USA: Education Development Center, Inc., 2008.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra; BESSA, Juliana Cristina. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. **Educação e Pesquisa**, 37(4), 725-742, São Paulo, 2011.

VERDIER, Éric; FIRDION, Jean-Marie. **Homosexualités et suicide: études, témoignages e analyse**. França: H e O Editions, 2003.

WIDGER, Tom. Suffering, Frustration, and Anger: Class, Gender and History in Sri Lankan Suicide Stories. **Culture, Medicine and Psychiatry**, 36, 2012.

## **The urgency of the debate on the suicide of LGBTQIA + people:**

### *Experience and subjectivity*

**Abstract:** This paper aims to present some data from an online survey to make a reflection on the LGBTQIA+ suicide. These numbers show that LGBTQIA+ people not only consider or may have considered, in the past, taking their own lives, but also, that they have had more suicide attempts declared. Through the concepts of social suffering, subjectivity and anthropology of becoming, I pursue to show how suicide discourses are



marked by a denial of experience and by biopolitical agencies that decide which lives can be continued and which ones should be eliminated.

**Keywords:** suicide, gender, sexuality, social suffering, subjectivity.

**Recebido em:** 12/02/2019

**Aceito em:** 02/03/2019